



A FALHA NA DELIMITAÇÃO DO DUPLO COMO MATRIZ DA FRAGMENTAÇÃO NARRATIVA EM FRANKENSTEIN OU O PROMETEU MODERNO¹

THE FAILURE IN DELIMITING THE DOPPELGÄNGER AS THE BASIS OF THE NARRATIVE FRAGMENTATION IN FRANKENSTEIN OR THE MODERN PROMETHEUS

Resumo

O presente artigo visa discutir a falha na delimitação do duplo como matriz da fragmentação narrativa no romance de Shelley, Frankenstein ou O Prometeu Moderno (2017). Para isso, à luz da fundamentação teórica de Rank (2013), Freud (2010) e Bakhtin (2010) dois objetivos foram traçados: discutir sobre possibilidades de convergência entre a criatura representar o duplo de Victor e dessa forma, refletir sobre as características dessa construção do duplo no romance de Shelley. O segundo, uma reflexão sobre o ato de Victor e como dialoga com a alteridade. Em síntese, o exame dessa falha apresentou dificuldades, chegando apenas à parte do construto onde foi possível analisar características do duplo, uma possível relação com o complexo narcísico e uma discussão entre o ato de Frankenstein e a alteridade.

Palavras-chave: Duplo; Frankenstein; Ato Responsável; Psicanálise.

Abstract

This article aims to discuss the failure in delimiting the doppelgänger as the basis of narrative fragmentation in Shelley's novel, Frankenstein or The Modern Prometheus (2017). Furthermore, based on the theoretical foundation of Rank (2013), Freud (2010), and Bakhtin (2010), two objectives were outlined: discussing possibilities of convergence of the creature representing Victor's doppelgänger, and, to think on the characteristics of this doppelgänger in Shelley's novel. Secondly, to discuss about Victor's act and how it dialogues with the otherness. In summary, the examination of this failure presented difficulties, reaching only the point where it was possible to discuss about the doppelgänger, a possible relation with the narcissism and a discussion between Frankenstein's act and the otherness.

Keywords: The doppelgänger, Frankenstein; Responsive act; Psychoanalysis.

* Isadora Moreira Barros

1. Introdução

Escrita no século XIX, mais especificamente 1816, a primeira edição; segundo a apresentação de Nazarian: "It's alive! It's alive", do romance, em análise, Frankenstein ou o Prometeu Moderno (2017) da editora Zahar, o autor nos trará algumas informações relevantes sobre as três diferentes edições e, ainda, sobre o meio ao qual a autora pertencia e como isso reverberou na produção dessa obra:

Talvez o círculo intelectual a que Mary pertencia a tornasse mais propensa ao interesse pelas especulações científicas do que pelo caráter sobrenatural e fantástico das "histórias de fantasmas". Hoje são raras as análises que consideram Frankenstein mais uma obra de ficção científica gótica do que puramente horror. [...] Toda a argumentação da história se dá através da razão científica e filosófica; o despertar da criatura é justificado cientificamente, e sua inteligência e capacidade de comunicação se dão pelo aprendizado e leitura de obras clássicas.²

¹ Artigo desenvolvido na disciplina Produção de Texto Acadêmico, sob a orientação do professor Alexandre Ferreira da Costa, na Faculdade de Letras da Universidade Federal de Goiás.

² SHELLEY, M. Frankenstein ou o Prometeu moderno: edição comentada. 1. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2017.

Ademais, um ponto que vale destacar dessas diferentes edições insere-se no anexo desta edição do romance, denominada: "Introdução à edição standard (1831) por Mary Shelley"², em que a autora comenta sobre as conversas que teve com Lord Byron e Shelley, em Genebra, no período em que o primeiro, propôs o desafio de escrever uma "história de fantasma"². Todavia, em uma dessas conversas, Shelley destaca que:

Durante uma delas, várias doutrinas filosóficas foram discutidas - entre elas, a da natureza do princípio da vida, e se havia alguma possibilidade de ser descoberta e transmitida. Conversaram sobre o experimento de Darwin (não me refiro ao que o doutor de fato fez, ou disse, mas o que me convinha mais, àquilo que então se falava que ele havia feito), que conservou um pedaço de aletria num vidro, até que, de maneira extraordinária, este começou a se mover por vontade própria. Não era desse modo, evidentemente, que a vida seria conferida. Talvez um cadáver pudesse ser reanimado; o galvanismo havia oferecido pistas nesse sentido: talvez os componentes de uma criatura pudessem ser fabricados, montados, dotados de calor vital².

A partir do citado trecho, é relevante destacar a efervescente curiosidade da autora, e de seu tempo, com o discurso e experimentos científicos os quais estavam sendo pautados em aspectos como o "da natureza do princípio da vida"². Além disso, sobre a produção da narrativa, a autora destaca ainda que:

Eu vi (eu tinha os olhos fechados mas a visão mental era aguda) o pálido estudante de artes profanas se ajoelhando diante da coisa que havia construído. Vi a silhueta horrorosa de um homem deitado que, então, pelo trabalho de alguma máquina poderosa, demonstrou sinais de vida e agitou-se em nervos e movimentos, apenas parcialmente vivos. [...] e então ele conseguiu descansar, com a certeza de que o silêncio de um túmulo extinguiria para sempre a existência transitória do cadáver medonho que ele julga ser o berço da vida. Ele dorme, mas é acordado - e quando abre os olhos, ei-la a coisa medonha, à beira da cama, abrindo as cortinas e observando-o com olhos úmidos, amarelos e curiosos².

Ao refletir sobre possibilidades de leitura desse romance atemporal, especialmente em aspectos que delineiam questões sobre a constituição do sujeito, no que pode ser analisado desde a materialidade do romance e da construção feita pela autora, um cientista que criou uma criatura humanoide, algumas vertentes de áreas do conhecimento se mostram pertinentes quando postas em diálogo com a obra. Como a Psicanálise com postulados sobre o duplo e os processos envolvidos na construção do ego e a Filosofia com discussões sobre o ser e sua relação com a alteridade.

Nesse sentido, a fim de propor um possível diálogo entre o romance e perspectivas como o duplo, o narcisismo e o ato responsável mediante a autores, respectivamente, Rank, Freud e Bakhtin, principalmente, no que se pode pensar desde a relação do cientista com a sua criatura, ou na relação do cientista consigo mesmo, ou ainda do cientista com a alteridade, surge uma indagação: é possível que a falha na delimitação do duplo resultaria na matriz da fragmentação narrativa?

³RANK, O. *O duplo - um estudo psicanalítico*. Porto Alegre: Dublinense, 2013.

Tendo em vista que o duplo começa a ser investigado por autores e psicanalistas como Rank na obra "O duplo- um estudo psicanalítico"³ desde o crescente fenômeno de obras que tematizam o duplo desde representações como sombras, reflexos, retratos e outras nas quais figuravam diferentes existências da mesma pessoa que por algum motivo havia perdido a memória.

⁴FREUD, S. *O inquietante*. In: FREUD, S. *História de uma neurose infantil ("O HOMEM DOS LOBOS")*, Além do princípio do prazer e outros textos (1917-1920). São Paulo: Companhia das letras, 2010. p.328- 388.

E por Freud no ensaio "O infamiliar", a partir de uma análise da palavra "unheimliche" pressupor "heimliche" ("infamiliar" pressupor familiar) destrinchará situações as quais algum sentimento considerado estranho e inquietante foi, em algum momento, familiar ao sujeito. Ao abordar sobre o duplo, Freud aponta que está interligado a um narcisismo primário o qual, no processo de formação do Eu, elabora-se, lentamente, um instância especial que contrapõem-se ao "resto do Eu", ou seja, cabendo à essa parte a auto-observação e a autocrítica⁴.

No entanto, em outro ensaio do mesmo autor: "Introdução ao narcisismo" e do artigo "Considerações sobre o narcisismo" de Araújo, é necessário destacar que existem "dois lados" desse conceito freudiano, primeiramente:

Em 1914, o termo entra definitivamente para o discurso psicanalítico, quando Freud (1914/1974) abre caminho para o entendimento do narcisismo como elemento constitutivo do amor-próprio e da autoestima e, portanto, destinado à autopreservação do sujeito e formação dos laços sociais."

E em segundo lugar, ao explorar ainda três caminhos para pensar os desdobramentos do narcisismo primário e secundário, no desenvolvimento do ego, pois, segundo o autor:

[...] Sobre a primeira questão, observo o seguinte: é uma suposição necessária, a de que uma unidade comparável ao Eu não existe desde o começo do indivíduo; o Eu tem que ser desenvolvido. Mas os instintos autoeróticos são primordiais, então deve haver algo que se acrescenta ao autoerotismo uma nova ação psíquica, para que se forme o narcisismo⁴.

São as três "vias"³: a doença orgânica, a hipocondria e a vida amorosa dos sexos. As três citadas são perpassadas por questões de direcionamentos da energia libidinal para um objeto e que, por algum motivo, voltam-se para o próprio ego, cada uma com suas especificidades. Porém, a que mais interessa à essa análise é a do terceiro caso, em que se cria um Eu ideal que observa as ações do Eu atual, um delírio de ser notado ou observado, "A esse eu ideal dirige-se então o amor a si mesmo, que o Eu real desfrutou na infância. O narcisismo aparece deslocado para esse novo Eu ideal, que como o infantil se acha de posse de toda preciosa perfeição."⁴ Contudo, o intrigante dessa relação é a o sentimento de revolta que o indivíduo sente contra esse Eu ideal que parece persegui-lo e julgá-lo como uma espécie de "consciência moral"⁴, pois:

A instituição da consciência moral foi, no fundo, uma corporificação inicialmente na crítica dos pais, depois, da crítica da sociedade, processo que é repetido quando nasce uma tendência à repressão a partir de uma proibição ou um obstáculo primeiramente externos. [...] Mas a revolta contra essa instância censória vem de que a pessoa, consoante a parte fundamental da doença, quer se livrar de todas as influências, começando pela dos pais, e retira deles a libido homossexual. A sua consciência moral lhe aparece então, em forma regressiva, como hostil interferência de fora.

⁵FREUD, S. *Introdução ao Narcisismo (1914)*. In: F. FREUD, S. *Introdução ao narcisismo: ensaios de metapsicologia e outros textos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

Por outro lado, por mais que existam diferenças pontuadas no artigo das autoras Pinheiro, Aguiar e de Carvalho⁵, entre as perspectivas psicanalíticas e filosóficas, especialmente as de Lacan, com retomadas de teorias freudianas, e Bakhtin; alguns pontos discutidos pelo filósofo em obras como "Para uma filosofia do ato responsável"⁶ são pertinentes para essa discussão no que tange à singularidade e sua relação dialógica com a alteridade. Segundo as autoras:

Se entendermos que nesta perspectiva a ação é uma resposta, uma responsividade natural e própria do ser que vive a partir de um infundável de contingências e existe a partir de um mundo de mutáveis e evanescentes estímulos,

⁶PINHEIRO, M. A; AGUIAR, M. B; MONTEIRO, M. *Limites e possibilidades de interlocução entre dialogismo bakhtiniano e a psicanálise*. Revista Latinoamericana De Psicopatologia Fundamental, v. 22, n.2, p. 254-277, 1 jun. 2019.

perceberemos que o "eu" não adquire consistência "em si mesmo", fora de um ethos, de uma ambiência dialógica."⁵

Por tanto, após essa retomada dos autores e como discutem questões sobre a constituição do sujeito que podem ser perpassados pelo duplo e pelo narcisismo, pela perspectiva psicanalítica e pela filosofia por uma perspectiva dialógica, dois objetivos são traçados para essa proposta de diálogo entre o romance de Shelley e os autores citados. O primeiro objetivo aponta sobre a possibilidade de convergência entre o monstro criado por Victor configurar-se como seu duplo, e dessa forma, refletir sobre as características dessa construção do duplo no romance de Shelley. O segundo objetivo pauta uma reflexão sobre o ato de Victor e como diálogo com a alteridade.

Para desenvolver os objetivos propostos, a seção: fundamentação teórica pauta-se nos principais aspectos de perspectivas sobre duplo para Rank e Freud e sua ligação com o narcisismo. E ainda a perspectiva do ato responsável, da singularidade e de sua relação com a alteridade, para Bakhtin. A segunda seção conta com trechos do romance e uma reflexão entre o enlaçamento dos três autores citados no que diz respeito à aspectos da constituição do sujeito, para os dois psicanalistas, atravessado pelo social mas também por investimentos libidinais que, na construção do ego, são perpassados pelos estágios primário e secundário do narcisismo. E para Bakhtin intrinsecamente em relação dialógica com a alteridade.

Em resumo, estabelecer uma possibilidade de diálogo entre aspectos da constituição do sujeito, fragmentado e faltante, diante da representação literária do personagem Victor Frankenstein e sua criação, no romance de Shelley.

2. Fundamentação teórica

Na busca de compreender o aumento significativo das obras que tematizavam o duplo, o escritor e psicanalista austríaco Rank, discute, diversas obras, tanto literárias quanto cinematográficas, cuja representação do duplo aparece das mais variadas formas: reflexos, retratos, sombras, uma experiência semelhante do Eu⁴. No entanto, em cada uma dessas aparecem elementos comuns, há algumas em que o duplo é o reflexo no espelho, ou o Eu faz uma espécie de pacto com algum personagem misterioso e acaba perdendo o seu reflexo ou em algum momento da narrativa o sujeito sente-se perseguido por seu próprio reflexo, e em razão disso, acaba "perdendo-o", o que significaria períodos paranoicos os quais esse espectro estaria em qualquer outro lugar mas sempre próximo do sujeito duplicado.

Para aquelas (obras) que aparecem como sombra, é interessante ressaltar que, em alguns, essa sombra tem nome, figurando-se como um personagem misterioso na narrativa o qual sempre tenta atrapalhar o desenvolvimento do personagem principal, seja na busca da realização amorosa, seja na busca de alcançar algum anseio. Noutras o sujeito perde sua sombra o que resultará no afastamento das pessoas à sua volta, as quais acusam o ocorrido como estranho.

Entretanto, nos casos da sombra, ela ainda pode figurar-se como uma algo mais espectral, fantasmagórico ou seja, mais sobrenatural, que novamente visa perturbar o sujeito; cuja paranoia de perseguição aumentará significativamente, no decorrer da narrativa, a ponto de considerar a necessidade ou de dar fim à essa experiência e acabar tirando a própria vida, ou ainda, na iminência do suicídio, pois, em alguns enredos, o sujeito apreende, por mais que minimamente, que esse duplo advém de si mesmo, logo, a única solução para encerrar seu tormento é tirar a própria vida.

No terceiro capítulo, analisa de forma atenciosa os processos psíquicos de vários autores, entre eles: Hoffmann, Poe, Goethe, Maupassant, Dostoiévski. A partir de suas biografias, identifica traços semelhantes nas relações conflituosas com as figuras familiares e a extensão disso à outras figuras amorosas e conseqüentemente aos vícios de álcool, sexo. Dessa forma, demonstra, em alguns autores, como Poe e Maupassant tinham em comum o egocentrismo e como, a maioria dos escritores citados, faleceram com graves doenças nervosas ou com uma espécie de sofrimento psíquico muito elevado. Enfim, reflete sobre a influência dessas experiências de suas íntimas vidas na escrita de personagens os quais se duplicavam e tinham experiências paranoicas, obsessivas e até mesmo violentas com seus duplos sobre os quais,

ao depositar todos esses sentimentos na duplicata, acaba por voltar-se para o próprio eu.

O quinto e último capítulo do livro se destina a explicar a relação de todos os mitos citados no quarto capítulo, relacionados ao medo da morte e, por isso, existirem diversos tabus direcionados ao que fazer ou não com a sombra do indivíduo a fim de preservar sua vida. Tendo em vista o término do quarto capítulo com o mito do Narciso, o autor abre o capítulo seguinte com o fato de não ser mera coincidência a morte do duplo ligar-se ao narcisismo, tanto na mitologia grega quanto nas outras obras e lendas citadas⁴.

Dessarte, a partir de trechos do romance “O retrato de Dorian Grey” de Oscar Wilde e do filme “O estudante de praga” do diretor Stellan Rye destaca-se a ambivalência do narcisismo, no qual o amor erótico ao eu opõe-se ou resulta num ódio ao duplo. Isso ocorre, conseqüentemente, por dois mecanismos de defesa: o medo do reflexo do espelho e a perda da sombra. Entretanto, nesse segundo caso, essa perda enaltece e fortalece o próprio eu, afinal, a oposição a essa falta converte-se na obsessiva perseguição do duplo: “[...] baseado no regresso do reprimido à repressão”⁴.

Além disso, esse mesmo mecanismo de defesa repercute, frequentemente, na loucura do herói e que o levará ao suicídio. Para isso, Rank cita a explicação psicanalítica freudiana de paranoia cuja origem está intrinsecamente ligada ao narcisismo. Assim, nas obras literárias representa-se o mito do duplo desde um “delírio persecutório”⁴ por evidenciar o perseguidor do eu na pessoa mais amada, primariamente, e cuja defesa começa a ser dirigida. Por isso, há a disposição narcísica à paranoia.

Em resumo, ainda citando Freud, o sentimento de culpa – sintoma comumente configurado nas obras quando o herói não consegue assumir determinadas ações e as transfere ao duplo – demonstra a distância entre o Eu ideal e a realidade alcançada, em oposição ao terrível medo da morte e as tendências à autopunição que resultarão no ato de tirar a própria vida.

Portanto, o psicanalista finaliza a sua análise explicando, o significado da morte amplamente representado nas obras literárias, nos mitos e nas crenças por ele analisadas. Desse modo, a relação do medo da morte à atitude narcísica justifica-se na fixação do indivíduo em um estágio específico do desenvolvimento do eu, por outro lado, expressa o medo do envelhecer, por trás do qual está o medo de morrer. Enfim, sobre o paradoxo do medo da morte só ter fim no suicídio, fundamenta-se não no temor à morte, todavia, na angústia do destino mortal tão insuportável a esses heróis literários.

Ao propor uma abordagem inicial sobre o que seria “Das unheimliche”, Freud escreve: o “inquietante é aquela espécie de coisa assustadora que remonta ao que há muito conhecido, ao bastante familiar”⁴. Desse modo, através da análise do conto “O Homem de Areia”, de E.T.A Hoffmann, Freud sintetiza que o elemento do “inquietante” estaria ligado à angústia do complexo infantil de castração e por isso estariam mais para um desejo ou para uma crença infantil.

Além disso, o psicanalista cita o trabalho de Rank, “O duplo- um estudo psicanalítico”, postulando que as concepções do duplo surgem:

[...] no terreno ilimitado do amor a si próprio, do narcisismo primário, que denomina tanto a vida psíquica da criança como a do homem primitivo, e com a superação dessa fase, o duplo tem seu sinal invertido: de garantia de sobrevivência passa a inquietante mensageiro da morte⁴.

Nesse contexto, em outro ensaio sobre o narcisismo, “Introdução ao narcisismo”⁵, o psicanalista evidencia a relação da teoria da libido com a formação do ego, e na possível diferenciação entre instintos sexuais e instintos do Eu, sendo o ego perpassado por diferentes investimentos dessa energia libidinal: “os investimentos libidinais podem ser direcionados ao próprio ego ou aos objetos”⁵. Sobre as quais se formam o narcisismo primário e depois o secundário. Sobre esse primeiro, Araújo aponta em seu artigo que:

Para ele, a fase da infância que antecede a formação do ego é caracterizada pela ausência de relações objetais. Nessa fase, entendida como anobjetal, todo o investimento libidinal do bebê é feito no seu próprio corpo, quando satisfaz suas pulsões parciais por meio das zonas erógenas a elas correspondentes. A

⁴ARAÚJO, Maria das Graças. Considerações sobre o narcisismo. *Estud. psicanal. Belo Horizonte*, n.34, p.79-82, dez. 2010. Disponível em http://pepseic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-34272010000200011&lng=pt&rm=iso. Acesso em 12 jul. 2024.

esse estado de satisfação em si mesmo, Freud chamou de narcisismo primário⁷.

Sobre a formação do narcisismo secundário, a autora demonstra ainda que, para Freud:

Esse estado paradisíaco de perfeição e completude, entretanto, está fadado a ser interrompido sob pena de a criança não ascender ao estatuto de sujeito. Com efeito, desde cedo, a criança está exposta às exigências do ambiente assim como os seus pais. [...] É dessa forma, pois, que a criança entra no segundo estágio de narcisismo, ao qual Freud denominou de narcisismo do ego ou narcisismo secundário, porque foi retirado dos objetos a partir dos processos de identificação com as figuras parentais ou seus representantes⁷.

A autora comenta que esses dois tipos de narcisismos vão acompanhar o sujeito em toda a sua vida, pois “[...] Foi a partir do olhar libidinizado da mãe que a criança reconheceu-se e se sentiu amada. Daí para a frente, todas as suas escolhas objetais e realizações terão por base esse período em que foi possível o desenvolvimento do amor por si mesma”⁷.

Diante disso, é relevante destacar que no caráter inquietante do duplo, o qual, segundo Freud, se manifesta no momento em que o Eu projeta, para fora de si, algo que em tempos remotos o foi familiar, no entanto, torna-se terrível no momento de retrocesso do Eu à certos distúrbios psíquicos do narcisismo primário os quais já deveriam ter sido superados⁴. Assim, alguns desses distúrbios são: uma espécie de regressão temporal na qual não havia delimitação clara entre Eu e outro; associações de repetições estranhas ao sujeito, como repetições de números ou eventos, remetendo à primazia infantil à compulsão de repetição das pulsões e que, em resumo, lhes são atribuídas um caráter demoníaco por lembrar essa compulsão de repetição anterior⁴.

Além desses dois distúrbios citados, pode-se elencar a “concepção de animismo”⁴ caracterizando uma das crenças mais primárias do ser humano na qual ao atribuir características humanas à objetos inanimados remonta a onipotência do pensamento e a magia atribuídas a: “superestimação narcísica dos próprios processos psíquicos”³. Em síntese, quando determina-se que pessoas e coisas possuem poderes mágicos, retorna-se à etapa de desenvolvimento cuja negação da realidade era uma inevitável característica do narcisismo⁴.

Em outros distúrbios, elementos cuja relação com a morte tornam-se, imediatamente, inquietantes na medida em que mascaramos eufemisticamente a morte como o arcaico (os povos primitivos) o fizera para não lidarmos com duas angústias: “a força das nossas reações emotivas originais e a incerteza do nosso conhecimento científico”⁴.

Em outras palavras, mesmo que a morte seja um fato inerente ao ser humano, o nosso inconsciente de hoje, como o de outrora, não dá espaço para a concepção de mortalidade e por isso torna-se tão horripilante e terrível qualquer angústia que relembre o ego de sua condição mortal. Contudo, no lugar de aprender a lidar com a condição finita do ser humano, ainda espera-se que a biologia comprove que a morte não é apenas um destino necessário a todo ser vivo, mas apenas um incidente regular, talvez evitável, dentro da vida⁴.

Após essa exposição dos distúrbios considerados “inquietantes” que, para Freud, remontam a um estágio de regressão à distúrbios do narcisismo primário, em seu outro ensaio sobre o narcisismo, ele discute outras três formas de se pensar caminhos de conhecer o narcisismo: a doença orgânica, a hipocondria e a vida amorosa dos sexos⁵.

Sobre o primeiro, salienta que pessoas que sofrem de dores e mal-estares perdem o interesse pelo mundo externo, o que em “termos de teoria da libido”⁵, poderia resultar:

Uma observação mais precisa mostra que ele também retira o interesse libidinal de seus objetos amorosos, que cessa de amar enquanto sofre. A banalidade desse fato não pode nos dissuadir de lhe dar uma tradução em termos de teoria da libido. Diríamos então que o doente retira seus investimentos libidinais de volta para o Eu, enviando-os novamente para depois curar-se⁵.

A respeito da hipocondria, acontece um processo semelhante de “[...] represamento da libido do Eu [...]”⁷. Vale destacar a terceira, pois ela surge de dois questionamentos de Freud: “O que aconteceu com a libido do Eu? Devemos supor que todo o montante passou para

investimentos de objeto?”⁵, tendo em vista que a partir da observação de um “adulto normal revela que sua megalomania de outrora arrefeceu e que se apagaram os traços psíquicos a partir dos quais desvelamos o seu narcisismo infantil”⁵.

Para pensar esses questionamentos, o autor expõe ainda que:

Aprendemos que os impulsos instintuais da libido sofrem o destino da repressão patogênica, quando entram em conflito com as ideias morais do indivíduo. [...] Dissemos que a repressão vem do Eu. As mesmas impressões, vivências, impulsos, desejos que uma pessoa tolera ou ao menos elabora conscientemente são rejeitadas por outra com indignação, ou já sufocadas antes de se tornarem conscientes. [...] Podemos dizer que erigiu um ideal dentro de si, pelo qual mede o seu Eu atual, enquanto à outra falta essa formação do ideal. Para o Eu, a formação do ideal seria condição de sua repressão⁵.

Desse modo, essa instância criada, mediante à explicação do psicanalista, não pode ser descoberta ou encontrada, apenas identificada como uma espécie de “consciência moral” [5] que é formada pois duas “forças” distintas: “A esse eu ideal dirige-se então o amor a si mesmo, que o Eu real desfrutou na infância. O narcisismo aparece deslocado para esse novo Eu ideal, que como o infantil se acha de posse de toda preciosa perfeição”⁴ e a segunda “uma corporificação inicialmente na crítica dos pais, depois, da crítica da sociedade, processo que é repetido quando nasce uma tendência à repressão a partir de uma proibição ou um obstáculo primeiramente externos”⁵.

Enfim, essa instância de ideal do Eu pode resultar em um delírio de ser observado, num estado regressivo, em que “Os doentes se queixam então de que todos os seus pensamentos são conhecidos, rodas as suas ações notadas e vigiadas; [...]. O delírio de ser notado a apresenta em forma regressiva, e nisso revela a sua gênese e o motivo pelo qual o enfermo se revolta contra ela”⁷. E sobre essa revolta sentida, Freud aponta que: A sua consciência moral lhe aparece então, em forma regressiva, como hostil interferência de fora”⁵.

Por outro lado, ao introduzir sua teoria sobre o ato responsável, Bakhtin escreve que a característica comum ao ponto de vista teórico-discursivo, à representação-descrição histórica e à percepção estética é separar o ato pelo seu conteúdo-sentido de um ato-atividade e isso tem como consequência a perda do valor, da unidade e autodeterminante do ato⁸. Por isso, o ato deve sempre ser compreendido em sua totalidade, pois só assim participa do seu existir-evento, só assim é real, pleno, vivo e existente. Ou seja, o ato deve sempre ser considerado desde a unidade basilar de cada indivíduo e desde seu lugar próprio, no seu valor.

Em adição a essas informações, essa autodeterminação está na unidade de um determinado domínio de sentido: história, arte, ciência que resulta do confronto de dois mundos denominados: mundo da cultura e mundo da vida. Esse último, é: “o mundo no qual se objetiva o ato da atividade de cada um e o mundo em que tal ato realmente, irremediavelmente, ocorre, tem lugar”⁸. Logo, o ato só supera a separação desses mundos quando encontra-se num plano único no qual deve refletir-se na unidade de uma responsabilidade bidirecional tanto na relação ao conteúdo quanto no seu existir, as quais configuram-se as responsabilidades: especial e moral.

Por conseguinte, ao abordar sobre o todo integral do ato responsável: o pensamento e o conteúdo, também deve-se incluir o sentido e condição histórico factual. Visto que, o autor salienta o pensamento e seu conteúdo como um ato responsável desde seu todo integral: o sentido e a condição histórico- factual, ou seja, as condições históricas concretas de sua realização⁸, como: “dois momentos unitários e inseparáveis na valoração deste pensamento como meu ato responsável”⁸; podendo disso extrair-se: “o juízo de validade universal”⁸.

Nesse âmbito, segundo as autoras Pinheiro, Aguiar e Monteiro: “[...] Bakhtin problematiza sobre a restauração dessas dualidades na unicidade responsável das ações de um ser que é radicalmente histórico, efeito de um evento temporal; reativo, e por isso mesmo, vivo”⁶.

Ao discutir sobre a validade do juízo universal e sobre o dever, o autor destaca o momento histórico-individual como: “o momento de transformação do juízo em ato responsável de seu ator”⁸ e por isso, sendo indiferente à validade teórica do juízo. Afinal, dizer que o juízo é verdadeiro é relacioná-lo a uma unidade teórica que não é a unidade real histórica e singular

⁸BAKHTIN, M. *Para uma filosofia do ato responsável*. São Carlos: Pedro & João Editores, 2010.

do indivíduo.

Por isso, ao abordar o dever, seja científico, seja o estético ele não existe em razão de ser apenas: “uma categoria original do agir-ato, [...], é uma certa atitude da consciência cuja estrutura propomos desvendar fenomenologicamente”⁷. Em resumo, é por esse motivo que, para o autor, não existem leis morais que validem a si mesmas, pois, o sujeito é dotado de uma determinada condição psicológica a qual o assegura o cumprimento de seu dever moral⁸.

Ademais, faz-se necessário frisar o “existir-evento” ou o “existir como evento”, o qual, para o filósofo, nunca movimenta-se do interior do mundo teórico para o exterior, à realidade. Pois, é totalmente sem esperança a tentativa de alcançar a singularidade e a irrepetibilidade do mundo real desde caminhos teóricos pré-estabelecidos⁷. Consequentemente, ao discorrer sobre a “empatia-estética (não a empatia pura, na qual me perco em mim mesmo, mas aquela objetivante) [...]”⁸; o autor aponta que apenas no interior da minha participação consigo compreender a participação dos outros.

Em outras palavras, ao assumir o lugar do outro, o indivíduo encontra-se na condição de falta de sentido, porque apreender um objeto não significa incorporá-lo. Na verdade, deve-se: “compreender meu dever em relação a ele [...], compreendê-lo em relação a mim na singularidade do existir-evento: que pressupõe minha participação responsável, e não a minha abstração”⁸.

Nesse âmbito, ao destacar as falhas na filosofia e ciências modernas, o autor salienta que o indivíduo contemporâneo somente está sentindo-se seguro, em plena liberdade e conhecedor de si, no momento o qual situa-se no mundo da cultura e da lei imanente, todavia, ao voltar-se para si mesmo, no seu interior, desanima-se pois regressa ao centro do ato na sua experiência de vida real e única. Desse modo: “agimos com segurança quando fazemos não partindo de nós mesmos, mas como alguém possuído da necessidade imanente deste ou de outro domínio da cultura”⁸.

Em suma, vale destacar ainda a discussão desse autor no ponto cujo enfoque é a universalidade. Para isso, Bakhtin explora incongruências outras da filosofia moderna como o fato de estar: “inteiramente impregnada do preconceito do racionalismo –[...]– segundo o qual somente o que é lógico é claro e racional – [...]”⁸. Ademais, no ponto em que discute sobre “fórmula universal” e num “teoricismo fatal” não existe aproximação com o mundo real, em virtude de, a razão prática exercer um domínio teórico sobre todos os outros saberes. Por isso, a razão prática: “se dá somente porque é o domínio da forma mais improdutiva do que é universal. A lei da conformidade a lei é a fórmula vazia do puro teoricismo”⁸.

Assim, segundo Pinheiro, Aguiar e Monteiro: “Seria, assim, a partir do alheamento ético-histórico estabelecido por viva das ciências modernas (século XIX e XX), que o autor deflagra sua narrativa sobre a impossibilidade das abstrações dessas disciplinas em darem conta da vida em ação, da vida viva”⁶.

3. O conflito na narrativa: a fragmentação de Victor Frankenstein

A luz da fundamentação teórica, será desenvolvida a discussão do primeiro objetivo do presente artigo: a possibilidade de convergência entre o monstro criado por Victor representar o seu duplo, e dessa forma, refletir características confluentes a esse duplo desde as teorias de Rank e Freud.

Dessarte, entre as figuras citadas pelo primeiro autor, cujo duplo pode ser representado: o reflexo, a sombra, entre outras, pode-se discutir, no romance, as temáticas do reflexo e da sombra. Tendo em vista que a criatura e Victor podem se assemelhar aos aspectos atribuídos ao reflexo: quando ela persegue o cientista e quando Frankenstein acredita ter perdido seu reflexo e por isso é perseguido pelo monstro. Em outras palavras, o “perder o reflexo” pode estar simbolizado, na narrativa, pela inaptidão de Victor para a ciência após a criação do monstro e ainda, ao ser caçado na mesma medida em que se culpa pelo seu experimento científico, e por isso tenta matá-lo desesperadamente.

Por sua vez, o duplo, como uma possível representação da sombra de Victor, também pode ser problematizada nesta obra, especialmente, nos casos em que se assemelha a uma figura espectral que sempre persegue e atormenta o duplicado. Desse modo, agrega-se a essa possibilidade de pensar a representação da criatura como uma sombra, ao notar que,

no romance, ela não é nomeada.

Não possui um nome próprio, sendo apenas chamada por seu criador como: criatura, monstro, demônio, fera⁷ o que pode atribuir a ela um caráter de despersonalização, como analisado na tese de Santos; e conseqüentemente, em uma quebra da constituição de uma identidade própria. Assim, ela sempre está atrelada ao seu criador, contrastando de maneira análoga à uma sombra; como ela diz no seguinte trecho:

– Esperava essa recepção – disse o demônio. – Todos os homens odeiam os desgraçados; assim como devo ser odiado, eu que sou a mais infeliz entre as criaturas vivas! Ainda sim tu, meu criador, detestas e rejeitas a mim, tua criatura, a quem estás preso por amarras que apenas a aniquilação de um de nós pode resolver².

Na explicação de Rank da ambivalência do narcisismo resultar nos mecanismos de defesa: medo do reflexo e perda da sombra³ também podem ser pensados desde os limites dessa narrativa, principalmente o segundo caso, no qual a perda da sombra efetua-se num fortalecimento do próprio eu, convertendo-se na obsessiva perseguição do duplo.

Sendo assim, mesmo o cientista temendo sua criação e se culpando por ter criado um ser com forças sobre-humanas, ele acaba por transformar essa relação numa motivação para caçá-la, mesmo sendo impossível. Em resumo, Frankenstein tenta agir como “herói” mesmo que isso o leve ao círculo-vicioso Eu perseguindo Eu e a um inerente paradoxo, quanto mais ele a perseguia, mais sua loucura agravaria. Ao ápice em que um cenário interpretativo de sua morte poder configurar-se como um suicídio, já que, sua condição psíquica foi cada vez mais degradada com essa perseguição paranoica e obsessiva.

Por outro lado, também é possível dialogar elementos do duplo, desde a concepção freudiana do inquietante e sua relação com o narcisismo. Desse modo, o primeiro distúrbio retratado por Freud, no ensaio sobre o inquietante, é uma espécie de regressão temporal na qual não havia diferença clara entre Eu e outro. É viável, desde a materialidade do romance, refletir sobre uma comparação de que, os outros que glorificariam Victor por sua criação aparentam ser uma extensão de seu Eu. O que pode ser pensado desde o seguinte trecho:

Vida e morte pareciam para mim limites ideais, e eu seria o primeiro a rompê-los, derramando uma torrente de luz em nosso mundo obscuro. Uma nova espécie iria me abençoar como seu criador e origem; muitas naturezas felizes e excelentes deveriam sua existência a mim. Nenhum pai poderia chamar a gratidão de seu filho tão completamente como eu merecia a delas².

Ao refletir possibilidades de diálogos e duelos entre Literatura e Psicanálise; pode-se pensar em outros pontos que convergem à essa narrativa. Como por exemplo, a relação das associações de repetições consideradas estranhas à Victor e a criação de um “Eu ideal” que o persegue. Um elemento que pode influenciar nos sentimentos de culpa e de ódio, de Victor, à aumentar exponencialmente a cada ente querido que ele perdia, pode estar na criação dessa instância observadora, pois o cientista associava todas essas perdas ao fato de seu duplo querer infligir-lhe dor assassinando seus amigos e familiares.

Desse modo, alguns trechos da narrativa demonstram que Victor é perturbado por cenários que constrói dessas estranhas associações de maneira análoga ao fato de criar a justificativa para essas mortes; situando-se na ambivalência intermitente entre sentir-se culpado por criá-lo e culpar o monstro pelos assassinatos. E ainda, na revolta que sente contra essa perseguição intermitente dessa possível “instância superior” a qual, segundo Freud, não é possível encontrá-la, mas apenas simboliza-la como uma consciência moral; como um reflexo das críticas da infância, como pais e outros ideais construídos pelo sujeito⁵.

No entanto, num estágio de regressão patológico, quando desenvolve-se um delírio de estar sempre sendo observado, é revoltante e insuportável ao indivíduo viver em um “nível de uma regressão à esse narcisismo que já deveria ter superado bem como ao da megalomania”⁵ e por isso tenta se livrar a todo custo de interferências do mundo externo. Nesse sentido, uma situação semelhante é apresentada por Victor nesse trecho:

Durante o dia, eu era sustentado e encorajado pela esperança da noite; pois, no

sono, via meus amigos, minha esposa e meu amado país; enxergava novamente a expressão benevolente de meu pai, ouvia os tons límpidos da voz de Elizabeth e contemplava Clerval com saúde e juventude. Frequentemente, quando cansado por uma marcha desgastante, convencia-me de que estava dormindo e que, quando a noite chegasse, eu poderia aproveitar a realidade nos braços de meus entes queridos. Que estima agonizante sentia por eles! Como me apegava às suas queridas formas quando, às vezes, assombravam até minhas horas despertadas e me convenciam de que ainda viviam! Em tais momentos, a vingança, que queimava dentro de mim, morria em meu coração, e eu seguia meu caminho em direção a destruição do demônio mais como uma tarefa enviada pelos céus, como um impulso mecânico de algum poder do qual estava inconsciente, do que um desejo ardente da minha alma².

No que diz respeito ao distúrbio em que qualquer assunto relacionado à morte se tornar perturbador, é possível de se estabelecer relações entre o narcisismo ajudar na autopreservação do sujeito, mas também, num aspecto regressivo, submeter esse indivíduo a um deslocamento de forças libidinais de um objeto, a qual frustrada, volta para Eu que pode perder o interesse pelo mundo, fechando-se em si mesmo⁵.

Quando se pensa no romance, e na época em que foi escrita, à possibilidade de dar vida a um conjunto de órgãos adultos aos quais Victor coleta na: "sala de dissecação e o matadouro"². A fim de produzir a criatura, enquanto parecia lidar racionalmente com a sua mortalidade, como demonstrado no citado trecho da página 61, na verdade, é uma possível leitura dessas representações, simbolizar uma superestimação dos próprios processos psíquicos e por isso o cientista teria acreditado ser possível atribuir vida a coisas inanimadas.

Com o avanço dos experimentos, e, conseqüentemente, do discurso científico, no período em que Shelley estava escrevendo essa obra, a crença de que ela solucionaria a mortalidade humana era possível, pois, como Freud aponta em seu ensaio sobre o inquietante, desde hoje e ontem (atual era e eras mais primitivas) não há espaço para a idéia de mortalidade no inconsciente, o que dificulta ainda mais a aprender a lidar e sublimar essa condição inerentemente humana⁴.

Em síntese, este seria um ponto confluyente de Victor, sob um viés interpretativo, retratando uma voz de seu tempo em que poderia existir a possibilidade de vencer a morte. Entretanto, a criatura pode reverberar como um polo oposto ao escancarar a fraqueza e finitude da vida de seu criador. O que também é discutido no artigo de Mattos o qual argumenta sobre a temática do duplo, no romance de Shelley, principalmente, no ponto da discussão sobre essa narrativa representar como a modernidade lidou com a inerente mortalidade humana.

Tendo em vista o ideal do sujeito singular discutido durante a era moderna, e como este não se deixa mais ser fortemente influenciado pela religiosidade, mas se apegua à esperança de um progresso de ordem da razão a qual negue "a fragilidade do pretensamente onipotente sujeito moderno, [...]"⁹; a autora neste outro trecho:

Na modernidade, consolidou-se a idéia de um sujeito singular, com pleno comando de sua vida e sem um Deus para castigá-lo ou salvá-lo na vida eterna, o que tornou a morte ainda mais temível. É, portanto, compreensível que a cultura moderna tenha fortes traços históricos. Tememos o corpo por sabermos, ineludivelmente, da inevitável coincidência entre seu fim e o nosso. A morte, a que estamos inevitavelmente condenados, é consequência de nossa corporalidade. Esta condição torna o corpo o duplo antagonístico da razão, que teima em negá-lo para, assim, preservar sua ilusória onipotência. Isso faz com que o progresso, principal veículo do racionalismo, tenha como meta primordial vencer a morte. Se na Idade Média o corpo esteve associado ao pecado, na modernidade sua malignidade provém de sua inexorável finitude⁹.

Sobre o segundo objetivo deste artigo, pensar em uma reflexão sobre o ato de Victor e como dialoga com a alteridade, segundo a teoria bakhtiniana sobre o ato responsável, também se dará entre análises de trechos do romance de Shelley e a discussão em seqüência.

Primeiramente, para que o ato seja compreendido na sua totalidade, no seu existir-vento único, real, pleno e existente ele deve, superar o confronto entre mundo da cultura e

⁹MATTOS, M. O Duplo em Frankenstein. Revista Inventário. 4. ed., jul/2005. Disponível no web world wide em: <http://www.inventario.ufba.br/04/04mmattos.htm>. Acesso em 20 fev. 2023.

mundo da vida; desde sua autodeterminação na unidade de um plano bidirecional, no qual seu conteúdo e seu existir forem igualmente especial e moral. Sendo assim, o ato está intrinsecamente ligado à condição histórico-factual do indivíduo e por isso, pode-se extrair apenas o juízo de validade universal.

Nesse ínterim, ao refletir sobre Victor Frankenstein, e o ato desse personagem como um cientista, no século XIX, em pleno fervor do desenvolvimento científico, há uma chance de que ele não autodetermina seu ato na superação entre a sua experiência como indivíduo ocupando seu único lugar e valor, e os outros que o constituem, o que estaria em contraponto com esse trecho no artigo das autoras Pinheiro, Aguiar e Monteiro, sobre o pensamento bakhtiniano: "Assim, nesse pensamento, o ato teórico deveria encontrar-se incluído como ação real da vida do Ser - numa relação de necessidade moral e responsável"⁶.

Com efeito, se pode depreender que o cientista acaba negando o outro em vários momentos da narrativa, sendo que, para o pensamento bakhtiniano, segundo as autoras: "Em Bakhtin, o outro é colocado como alteridade da natureza do ser"⁶. Alguns trechos podem ser destacados para explicar esse ponto da discussão: "Mas mesmo as solidariedades humanas não eram suficientes para satisfazer minha mente ávida"²; "Clerval desejava avidamente o convite; e eu, apesar de abominar a sociedade quis ver de novo as montanhas, [...]"²; "Desejava que eu buscasse diversão na sociedade. Eu abominava a face do homem. [...] Como eles iriam me abominar e me caçar pelo mundo, cada um deles, se conhecessem meus atos profanos e os crimes cuja fonte era eu!"² e este último: "- Homem - gritei -, quão ignorante és no orgulho de tua sabedoria! Deixa, não sabes o que diz"¹.

Além disso, quando Bakhtin salienta que o existir-evento não deve movimentar-se de dentro do mundo teórico para a realidade, pois, é impossível o teorismo suprir a singularidade e irrepetibilidade do mundo real⁸. Posto isso, o autor abrange a relação do indivíduo com o outro destacando como a apreensão desse outro se dá sempre a partir do interior, desde a participação responsável do indivíduo com o outro e não no movimento de abstração ou de assumir o lugar de um outro. Afinal:

Para o referido filósofo, compreender um objeto é, sobretudo, compreender o dever do sujeito-contemporâneo em relação a ele, compreendê-lo em relação à unicidade do meu Ser-evento. Isso nunca como abstração de si mesmo, [...], mas, sobretudo reconhecendo e assumindo os efeitos que podem ser produzidos nesse jogo de diferenças, nesse jogo fluido entre alteridades [...]⁶.

Outrossim, aponta ainda as falhas nas filosofias e ciências modernas nas quais sujeitos que se sentem incompletos por pautarem seu ato em algum elemento da lei imanente, da cultura, da racionalidade ou da universalidade. Decepcionam-se por não voltarem-se ao seu interior e para o seu lugar único, singular e irrepitível, dentro de sua condição histórica-factual, pois é muito mais trabalhoso autodeterminar o ato desde a singularidade do indivíduo do que de algum outro discurso do mundo da cultura⁸.

Em resumo, há uma possibilidade de se discorrer que o cientista Frankenstein na narrativa, decide basear o seu ato, num primeiro momento, no discurso científico: filosofia natural, fisiologia, ciência da anatomia; como exemplificado neste trecho:

[...] e daí em diante, me aplicar mais particularmente aos ramos da filosofia natural que se relacionam a fisiologia. Se não estivesse imbuído de um entusiasmo quase sobrenatural, minha aplicação a esse estudo teria sido maçante e quase intolerável. Para examinar as causas da vida, precisamos primeiro entender a morte. Familiarizei-me com a ciência da anatomia, mas isso não foi suficiente; devia também observar a decadência natural e a corrupção do corpo humano. Na minha educação, meu pai havia tomado as maiores precauções para que minha mente não se impressionasse com horrores sobrenaturais. Não me lembro de jamais ter tremido diante de um conto de superstição ou de ter receado a aparição de um espírito. A escuridão não tinha efeito sobre minha imaginação, e um cemitério era para mim meramente o receptáculo de corpos desprovidos de vida, que, de repositório de beleza e força, haviam passado a comida de minhoca².

E no final de sua vida, nos momentos que conta a sua história e a da criação do "elixir da vida" cujo resultado é criatura e, o cientista afirma categoricamente à seu interlocutor, o

capitão Walton, quão perigoso é “viver para as paixões”, o que poderia representar a auto-determinar o seu ato no mundo da cultura ou num outro, abstrair-se, e não assumir o lugar de responsividade moral. Isso é exemplificado, em poucos momentos da narrativa, por Frankenstein, quando aconselha a Walton a não fazer algo que fragilize seus afetos e as coisas simples da vida. O que encontra-se no seguinte trecho:

O ser humano perfeito deve sempre preservar uma mente calma e pacífica, nunca permitir que a paixão ou um desejo transitório perturbe sua tranquilidade. Não acredito que a busca por conhecimento seja uma exceção à essa regra. Se o estudo ao qual você se dedica tende a enfraquecer seus afetos e destruir seu gosto pelos prazeres simples, que nada deveria poluir, então esse estudo certamente não se justifica, não é adequado à mente humana².

Em suma, esse posicionamento somado à negação dos outros e ao próprio ato de assumir um lugar que não o do próprio Victor, logo, assumir uma máscara, contraria o ponto da discussão de Bakhtin em que o ato deve pautar-se na superação do mundo da vida e do mundo da cultura; deve autodeterminar-se desde o interior do sujeito para enfim apreender o outro, pois só assim torna-se responsável e moral⁸.

4. Considerações finais

Sobre a hipótese de refletir a falha na delimitação como a matriz da fragmentação narrativa, ou seja, o conflito do enredo poder ser pensado desde duplicação de Victor Frankenstein, sob perspectivas teóricas que abrangessem questões como a constituição do sujeito atravessados pelo narcisismo, ou pelo duplo ou ainda, relações entre constituição e alteridade, ela apresentou dificuldades.

Mesmo que, se interpelou possibilidades de diálogo entre características do duplo analisadas por Rank: a sombra e o reflexo e como se ligam ao complexo narcísico do indivíduo³; não foi possível determinar exatamente o que teria tornado esse narcisismo do cientista tão latente a ponto de dividir-se, acreditar estar sendo perseguido por uma criatura que é reflexo do seu fazer científico e acabar morrendo ao final da obra, assim como o seu duplo.

Além disso, sobre o ensaio “O inquietante” de Freud, foi possível problematizar os distúrbios desse narcisismo primário mal elaborado⁴ desde os materialidade literária de alguns trechos do romance especialmente no personagem principal, Victor Frankenstein, mas não conseguimos encontrar, necessariamente, o motivo de Victor regressar a essa condição psíquica dos distúrbios de seu narcisismo primário.

Afinal, segundo Freud, quando salienta sobre outras vias se pensar o narcisismo, em especial a da criação de um Eu ideal, não pode-se encontra-la empiricamente, apenas identifica-la como uma espécie de “consciência moral” que pode gerar, em um indivíduo doente em estado de regressão, um delírio de ser observado⁴. O que pôde ser pensado em confluência com a narrativa no trecho em que Frankenstein relembra de seus entes queridos e ao mesmo tempo deseja exterminar a criatura, já que esta, no pensamento do personagem, possivelmente estaria matando seus familiares e amigos a fim de infligir-lhe dor e sofrimento.

Por outro lado, ao refletir o ato de Victor, e sua relação com a alteridade, discutiu-se, mediante a teoria bakhtiniana, que Frankenstein, provavelmente, não baseou seu ato na autodeterminação entre mundo da cultura e mundo da vida, na verdade ele assumiu o lugar de outro discurso: o da ciência natural, da fisiologia e o da ciência da anatomia.

Por conseguinte, como o herói desse romance, em verdade, pôde ser analisado como um herói em queda, pois não voltou-se para seu interior, sua experiência única, singular, desde seu lugar histórico-factual a fim de que seu ato fosse moral, foi possível pensar a possibilidade de Victor “incorporar” um outro discurso, o de lidar bem com a morte, desde o período que o romance foi escrito, mas na verdade, criar um ser quase imortal. E ainda, a possibilidade de o cientista negar seus outros sendo que, para Bakhtin a relação de apreensão de um objeto e do outro deve partir do experiência interior do indivíduo e não de uma abstração, pois, essa abstração configura uma experiência vivida pelo duplo, por uma máscara e não pelo sujeito⁸.

Por fim, a busca dessa falha na delimitação do duplo possivelmente estará num estudo mais aprofundado em perspectivas psicanalíticas que tangem conceitos como pulsão de vida

e pulsão de morte. Ou ainda, em perspectivas tanto filosóficas quanto psicanalíticas sobre alteridade e sua relação com a constituição do sujeito, pois, mesmo que se teve a intenção de se investigar algumas questões sobre esse viés, perspectivas teóricas mais aprofundadas seriam necessárias para futuras pesquisas.

Notas

* Graduanda em Letras Português na Universidade Federal de Goiás (UFG).

Email: isabarro1215@gmail.com

Referências

SHELLEY, M. **Frankenstein ou o Prometeu moderno**: edição comentada. 1. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2017.

RANK, O. **O duplo - um estudo psicanalítico**. Porto Alegre: Dublinense, 2013.

FREUD, S. O inquietante. In: FREUD, S. **História de uma neurose infantil ("O HOMEM DOS LOBOS")**, Além do princípio do prazer e outros textos (1917-1920). São Paulo: Companhia das letras, 2010. p.328- 388.

ARAUJO, Maria das Graças. Considerações sobre o narcisismo. **Estud. psicanal.** Belo Horizonte, n.34, p.79-82, dez. 2010. Disponível em http://pepseic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-34272010000200011&lng=pt&nrm=iso. Acesso em 12 jul. 2024.

FREUD, S. Introdução ao Narcisismo (1914). In: FREUD, S. **Introdução ao narcisismo: ensaios de metapsicologia e outros textos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

PINHEIRO, M. A; AGUIAR, M. B; MONTEIRO, M. Limites e possibilidades de interlocução entre dialogismo bakhtiniano e a psicanálise. **Revista Latinoamericana De Psicopatologia Fundamental**, v. 22, n.2, p. 254-277, 1 jun. 2019.

BAKHTIN, M. **Para uma filosofia do ato responsável**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2010.

SANTOS, M, R, E. **O duplo em Frankenstein o prometeu moderno**. Tese de monografia (Graduação em Letras Inglês Licenciatura) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Natal, 2022.

MATTOS, M. O Duplo em Frankenstein. **Revista Inventário**. 4. ed., jul/2005. Disponível no web world wide em: <http://www.inventario.ufba.br/04/04mmattos.htm>. Acesso em 20 fev. 2023.